

O JONGO VIVE! AH!!! SE VIVE...

Flavia Lopes

Você nem imagina como é difícil dar início a estas linhas. Pensei, pensei e achei melhor começar contando sobre o dia em que o Jongo me encantou.

“Saravá angoma-puita, saravá meu candongueiro, Abre Caxambu, saravá jongueiro”

Já tem um montão de tempo, anos, que numa viagem para Valença eu conheci um Quilombo. Você acredita? É! Era um Quilombo de verdade!!! E logo ali tão pertinho, e com uma realidade que eu achava muito distante da minha. Chama-se São José e fica para lá da Serra da Beleza.

E O JONGO?

Ele chegou quando a noite caiu e as brasas da fogueira coloriram o céu. Contaram-me que a tal dança de roda e umbigadas servia para amenizar as dores do tempo do cativo, através de tambores sagrados e de canções. No chão de barro vermelho, os pés marcavam a cadência alegre, as rimas cantarolavam “causos” e as palmas vibravam nos contagiando com a energia daquele lugar único.

“Tava durumindo, angoma me chamô! Disse, levanta povo, cativero se acabô!”

Minha cabeça pirou naquele ritmo, aquelas senhoras do Quilombo São José me remetiam à figura querida de minha bisavó Joana, que já nasceu liberta, mas que viveu como escravizada até se casar. As histórias que eu ouvia ali, misturadas nas músicas e no falatório, me levavam para minha própria história, para as memórias mais remotas da minha família. Eu a chamava de Vó Nonora, sentava-me no chão e colocava a minha cabeça em seu colo para que ela pudesse fazer minhas tranças e enquanto isso ela contava suas passagens, do tempo da colheita de laranja nas fazendas de Itaboraí. O trabalho pesado em troca de teto e pão foi o legado deixado após o término da escravidão. Entre um cafuné e outro, ela cantarolava também, espantando as sobrinhas de tristeza que aquelas histórias traziam.

“Trabaia negô, trabaia. Deus inda á de te ôia.”

Seção Treinel

E, da minha ida ao Quilombo para cá, eu iniciei uma busca pessoal, busquei minha própria identidade. Outros encontros vieram: jongo, coco, ciranda, maracatu. Aqui e acolá. Nas noites da Lapa, nos blocos de rua do carnaval. Mesmo de leve, isso tudo ajuda a montar o meu enorme quebra-cabeça, cada dia mais eu me envolvo com ações de pertencimento, de afirmação e, recentemente, eu renovei os meus votos de amor ao Jongo.

QUANDO?

Quando eu conheci a Serrinha... E eu vou te contar: lá se conservou uma célula intacta dessa manifestação E foi lá que, de novo, eu fui tomada pela magia e pelo encanto que vivi no Quilombo São José.

Na Serrinha, eu pude conhecer melhor a história de Darcy Monteiro. O Mestre ouviu os conselhos de sua mãe e passou a acreditar que aquela dança que era tida, tradicionalmente, como um espaço reservado aos “mais velhos” devia ser compartilhada com as crianças da comunidade. Ele teve muita visão e percebeu a importância do envolvimento da juventude para conservação daquele movimento de resgate, resistência e memória que havia se desenvolvido naquele morro.

E foi então que se fez a mágica: de um lado, do seu jeito, Darcy arrumou um eficiente modo de manter acesa a chama sagrada de uma tradição centenária. Através de cantos, passos e vestimentas foi reafirmada e expandida uma expressão genuína da cultura nacional, fazendo com que o Jongo se mantenha vivo e pulsante até os dias atuais. Por outro lado, o sábio mestre jongueiro fez um papel nobre ao envolver as crianças naquela vivência.

“Quando a noite descia, após a Ave-Maria, um som de tambor se ouvia. Dentro de uma senzala, em um caminho pra Minas, vozes de jongueiro se ouvia.”

Você sabe que a infância negra, desde a mais tenra idade, é constantemente vitimada por várias formas de preconceito racial?

É sim.

A falta de representação positiva do povo negro na mídia é apenas uma de muitas das faces cruéis da discriminação que mina a autoestima dos pequenos. Crescem sem ver personagens, brinquedos, heróis que ostentem os traços e as características da gente preta.

E, nas poucas vezes em que eles aparecem, estão ligados a contextos pejorativos e estereotipados. Então, além de ressaltar a igualdade entre todos nós e valorizar a singularidade de cada um, é necessário utilizar com estes jovens o reforço da autoestima como uma arma contra ações preconceituosas.....

E foi lá na Serrinha que eu pude conhecer Dona Maria de Lourdes, a Maria da Grota ou, simplesmente, a Tia Maria.

Seção Treinel

VOCÊ CONHECE?

Se não conhece, tem que conhecer. Ela é um encanto e ainda hoje, do alto de seus 95 anos de idade, permanece como uma liderança comunitária. Em torno de sua frágil figura, o que se vê naquela comunidade é o Grupo Cultural Jongo da Serrinha que atua no eixo educacional através da Escola de Jongo e no eixo cultural através do seu grupo musical. O galpão da Casa do Jongo abriga atividades de arte, cultura, educação e geração de renda através de cursos, oficinas, exposições, palestras e outras vivências.

“Maria sunga a saia, chuva êvem pra te moiá.”

E quando as crianças são tocadas pelo trabalho do grupo é uma maravilha. Elas têm a chance de conhecer a origem e o patrimônio cultural do povo negro. A infância daquele lugar é abraçada por esta iniciativa e ganha uma oportunidade rara de desenvolver afeto e admiração por suas raízes, entendendo o processo histórico de seus antecessores e com isso conhecendo-se melhor e amando-se mais.

Sinto que o reforço da autoestima daqueles meninos e meninas se realiza ao conseguirem enxergar a beleza existente no tom de suas peles, na textura de seus cabelos, em seus traços faciais ...

O gestual, o rito, as estampas, as cores e a bossa dos seus antepassados tornam-se, cada vez mais, motivos de orgulho. Saber de onde vem, auxilia o menino a decidir o lugar que deseja ocupar no futuro, o faz planejar sua vida como protagonista de sua própria história.

E então? Entendeu?

É por isso que eu amo este tal de Jongo...

“Bana cum lenço, crioula bana cum lenço, navio já foi embora, crioula, bana cum lenço.”